

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 030467
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 030256 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Lez?!... Sim!

LER, sim; mas saber o quê. Saibamos ler, alimentando o cérebro, elevando a cultura, não embriagando a alma de fantasias; mas sim tomando parte na sua orgia de cores e perfumes, e que eles perdurem sendo luz nas noites escuras e intermináveis da vida...

Convém não exagerar os entusiasmos juvenis!

É compreensível e tão natural o desejo de ler um lindo

Por Seisedos Branco

livro; mas é melhor, muito melhor conhecer profundamente, um bom livro.

O que seria, realmente a Humanidade, se não se conhecessem os bons livros? Se eles não existissem desconheceríamos tantas maravilhas, que só eles nos dão. O mundo na sua maior parte estar-nos-ia vedado.

O livro forma, orienta, esclarece, persuade, e domina: É incalculável, enorme e profunda a sua influência.

A literatura boa, põe em relevo a grandeza da imprensa.

Todos os livros despertam um certo interesse, mais ou menos agradável; mas quando, não digo todos os leitores, pegam num livro de literatura diferente daquele amor meramente humano, e que, se não envenena a juventude nada de bom lhe dá, põem-no imediatamente para o lado como se só o amor soubesse inspirar o autor.

Quantos escritores põem

em relevo a excelência da Vida e Natureza, cantando com inextinguível brilho quanto elas nos dão?!...

Onde se poderá encontrar assunto cuja grandeza pudesse de perto, ou de longe, comparar-se com estas que tudo criam? Não são elas as geradoras de tantas belezas?

Porque, não ler com entusiasmo e dedicação aqueles livros que tão bem nos descrevem a nossa Pátria, todas as suas belezas, os nossos heróis, as maravilhosas narrativas da nossa terra, tudo de belo quanto elas nos dão? Não fariam nisto senão um dever, o primeiro e o mais instantâneo dos deveres. É tão raro ver-se em mãos jovens um qualquer livro, sobre estes assuntos!...

Há leitores que preferem as publicações de aventuras e amor. Que se leiam, mas demoradamente.

Estimulemos o doente, se doença podemos chamar-lhe, para que se agite uma campanha que seja simultânea e faça vibrar os leitores assíduos, por leitura diferente, e que alguma coisa lhe dê de saudável.

Não só os interessados, mas os que se apresentam como neutros ou indiferentes, em matéria de literatura.

Os primeiros por dever e os segundos por patriotismo e justiça.

É caso averiguado: quem usa e abusa, quanto mais lê mais se lhe embota o sentido perdendo toda a reacção, para que lhe possa ser útil e lhe dê satisfação essa leitura.

(Continua na página 5)

A Grande Epidemia de 1918

foi mais mortífera, do que as duas guerras mundiais

Nos anais da história, a influenza pandémica de 1918 só encontra duas rivais: — a peste, do ano 542 da era cristã e a peste negra, do século XVI.

Todos os esforços humanos, inclusivé rituais mágicos e beberagens de feiticeiros, foram impotentes para debelar as duas epidemias anteriores, que afinal terminaram por si mesmas.

O mesmo aconteceu em 1918. A medicina do século XX pouco conseguiu contra a peste moderna. Esta apareceu sem ser pressentida, matou de súbito e se propagou explosivamente.

Depois, com a mesma rapidez desapareceu. Ninguém sabia o que era a doença, qual a sua origem, nem como se transmitia.

Os exércitos aliados estavam destruindo os últimos baluartes alemães. Nos Estados Unidos da América os alarmistas começavam a falar numa pavorosa novidade, que se chamava a guerra bacteriológica pelos alemães.

Se isso fosse verdade, grande descuido por parte deles, pois nessa ocasião trezentas mil pessoas estavam morrendo na Alemanha.

Nenhuma autoridade médica foi capaz de descobrir até hoje, onde se originou a peste de 1918. Houve quem a julgasse vinda de Espanha, onde se verificara uma grave epidemia de influenza na primavera desse ano.

Foi por isso que a doença veio a ser chamada de gripe espanhola. A virulenta epidemia durou três meses inteiros, — Setembro, Outubro e Novembro. A situação nos hospitais era pavorosa.

O «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, de 22 de Outubro de 1918, dizia «É um quadro profundamente desolador, macabro mesmo o que se observa; nestes últimos dias, no Cemitério do Cajú. Dia e noite ali se trabalha no penoso serviço de enterramento de mortos, e apesar dos esforços que a policia tem empregado para auxiliar a administração da necrópole, restavam ainda ontem, às primeiras horas da tarde, cerca de 700 corpos a serem sepultados. O governo, como já se disse, lançou mão dos sentenciados da Correção e presos da Detenção para este serviço, mas os reclusos não têm prática;

e daí a morosidade que se observa. Por toda a parte, nas alamedas laterais, nos corredores, nos depósitos, por entre sepulturas, se vêem corpos insepultos, alguns de quatro e cinco dias. Com homens trabalham de dia e noite e não dão conta do trabalho. A todo o momento param ali camiões cheios de corpos vindos dos dois necrotérios da Santa Casa».

As autoridades sanitárias, convencidas que a peste se transmitia pelo contacto entre as pessoas, recomendaram o uso de máscaras.

Recomendou-se àqueles que tivessem de trocar beijos, que o fizessem através dum

(Continua na página 5)

Notícias diversas de Portugal

— Navios portugueses participaram num exercício anti-submarino da N.A.T.O., a realizar no Atlântico oriental e em Gibraltar.

— Foi inaugurado no Crato um curso elementar de agricultura.

— A famosa romaria de Santa Quitéria, celebrada em plena seara do Salgueiral, perto de Pombeiro, Arganil, afluíram mais de 20.000 pessoas.

— Com grande luzimento foi inaugurada a residência paróquial de Montargil.

O Ministério da Educação Nacional mandou distribuir, com destino às caixas escolares, para auxílio dos alunos desprovidos de meios, cerca de 50.000 livros de ensino, no valor de 600 contos.

(Continua na página 5)

IMAGENS HISTÓRICAS (II) CASTELOS DE PORTUGAL

Se bem que alguns castelos portugueses sejam anteriores à fundação da nacionalidade, é sobretudo depois deste acontecimento e durante as guerras contra os mouros que a maior parte dos castelos de Portugal são edificados.

Em geral, os castelos são constituídos por uma cinta de muralhas, com seus torreões ou cubelos e barbaço guarnecida de ameias. No interior das muralhas, anichavam-se as casas da povoação. E ao centro, desligada de casas e muralhas, erguia-se a torre de menagem, destinada a servir de última defesa.

No reinado de D. Dinis, as torres de menagem começam a ser construídas com maiores dimensões, com janelas e varandas de pedraria trabalhada. E também a partir deste reinado que em todos os Castelos aparecem esculpidas as armas do Rei de Portugal.

Isto quer dizer que os nossos castelos serviram sempre e só os altos interesses nacionais e nunca os de pessoas ou partidos.

Quando no recinto fechado das muralhas não cabiam mais casas, faziam-se novas muralhas, abarcando mais terreno.

Assim aconteceu em Lisboa e no Porto por várias vezes. Mas o castelo sempre ficava no alto da sua colina, como coração e guarda do povoado.

No século XVII, quando a artilharia passa a ser a arma mais poderosa na defesa e ataque dos castelos, estes modificam-se. Os torreões são mais baixos e maciços — cheios de terra. As muralhas mais largas. Desaparecem as ameias e a torre de menagem. E os castelos tomam a figura de estrelas, que se espalham pela costa marítima — defesa contra piratas argelinos — ou pela fronteira de Espanha.

Mas sempre conservam hasteado o pendão das Quinas, símbolo de Portugal, cuja história ajudaram a fazer.

(Transcrito com a devida vénia, de «A Campanha».)

DESEJO

Quisera ser o Sol para beijar a humanidade inteira, e sem receio das chagas, que, por vezes só no meio da luz solar, conseguem-se curar.

Quisera ser o Sol, poder entrar no quarto da donzela, em doce enleio; levar-lhe a caridade ao nível seio, de sonhos e ternura a transbordar.

Quisera ser o Sol, cobrir os mis; falar-lhes da bondade de Jesus, que, como o Sol, é igual p'ra toda a gente...

Levar-lhe essa certeza ao desgraçado, que no fulgor do Sol não tem achado A mão do Criador Omnipotente!

Cidália Silva

Uma perspectiva de CANHA

A fachada do Infantário da Sagrada família mantida pela Casa do Povo de Canha para protecção à infância.



Foto. Sr. Manuel Giraldes da Silva

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º

Telef. 030245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.

Telef. 030-256 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ª e 6.ª feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo
Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — primeiros e terceiros sábados de cada mês, pelas 12 horas, no consultório do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da Trindade — Rua Bulhão Pato, 42 — Telef. 030 131 - MONTIJO.

Dr. Elisio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.ªs feiras,
pelas 14 horas

Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º

MONTIJO.

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões - MONTIJO

Telef.º 030 502 - 030 465 - 030012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de

Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques — N.º 231

Telef. 030556

MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de

Paris e de Strasbourg.

De dia - R. Almirante Reis, 72

Telef. 030.038

De noite - R. Machado Santos, 28

MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 046

Serviços Médico Sociais, 030 198

Bombeiros, 030 048

Taxis, 030 025 e 030 479

Ponte dos Vapores, 030 425

Polícia, 030 144

Telefone 030 376

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

(à Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

MONTIJO

A eleição dos Papas

Da disciplina à actual legislação

Notas coligidas pelo prof. José Manuel Landeiro

(Continuação do núm. anterior)

Capítulo II — A eleição do Soberano Pontífice

Sob esta rubrica a Constituição actual trata dos eleitores do Papa, do pessoal do Conclave, da entrada no Conclave, do encerramento e segredo, da forma da eleição, da aceitação, da proclamação, sagração e coroação do Eleito.

I — Dos eleitores

É eleitor todo o Cardinal, como dissemos já, criado e publicado, mesmo que ainda não tenha recebido o *Galero*, ou tenha sido suspenso, deposto conõnicamente ou excomungado.

Esperar-se-á até o máximo 18 dias após a morte do Pontífice, segundo o *motu-próprio* de Pio XI *Quam maxime* de 1 de Março de 1922. Os Cardiais ausentes de Roma serão recebidos sucessivamente na Assembleia preparatória

e tomarão os preliminares da eleição no ponto em que estes estiverem. É assim que o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa tomou parte na absolvição na última das *Novendiales* a que ainda pôde assistir. O Cardinal que sair do Conclave por motivo de doença grave poderá ser recebido nele de novo. O chamamento para o Conclave faz-se por um toque especial do carrilhão de S. Pedro.

II — Pessoal do Conclave

Todo o Cardinal se pode fazer acompanhar por dois conclavistas; um só deles, porém, pode ser leigo.

Para o actual Conclave todos os Cardiais foram solicitados para se fazerem acompanhar de um só conclavista, de preferência clérigo, atendendo ao número elevado das pessoas que, por dever, farão parte do mesmo Conclave. Só Cardiais serão 62, afora o pessoal adstrito às múltiplas secções e serviços.

São excluídos de conclavistas os parentes dos Cardiais até ao segundo grau e os membros do mesmo Instituto religioso. Antes do encerramento do Conclave uma comissão de Cardiais, especialmente designada para o efeito, examinará as qualidades dos conclavistas, para os aprovar.

Todos eles deverão prestar juramento especial. Não poderão sair do Conclave senão em caso de enfermidade manifesta reconhecido por juramento dos médicos adjuntos. Se um Cardinal morrer durante o Conclave, os conclavistas dele sairão imediatamente, e não poderão passar ao serviço de outro Cardinal no mesmo Conclave. Farão parte deste o Sacristão dos Sagrados Palácios, Clérigos, mestres de cerimónias, um Secretário do Sacro Colégio, um Religioso para as confissões, dois médicos, um cirurgião, um farmacêutico com dois ajudantes. Todo este pessoal será escolhido pela maioria dos votos ou com assentimento do da maioria dos Cardiais.

III — A entrada em Conclave

Terminadas as exéquias pelo Papa ou *Novendiales*, é fixado o dia para a abertura do Conclave. Neste, o Cardinal mais antigo, no impedimento do Decano (agora o Cardinal Granito Pignatelli di Belmonte) celebrará, normalmente em S. Pedro, a Missa do Espírito Santo, durante a qual um Prelado pregará para recordar aos Cardiais conclavistas que só os interesses de Deus e da Igreja os devem determinar na eleição. Terminada a Missa, ou chegada a tarde desse dia, realiza-se a entrada em Conclave. Esta faz-se processionalmente, ao canto do *Veni Creator*. Recitada a oração *Deus qui corda fidelium...*, procede-se à leitura dos documentos: *Constituições Vacante sede* e *Commissum nobis* de Pio X, *Praedecessores nostri*, de Leão XIII e do *motu-próprio Cum maxime*, de Pio XI. A seguir, a apresentação individual do juramento e entrada de cada Cardinal no aposento que lhe tiver sido destinado à sorte. Ao sinal de uma sineta, todos os que não fazem parte do Conclave são convidados a sair, as portas são fechadas por fora e por dentro, e entregues as chaves das fechaduras exteriores aos guardas.

É então que uma comissão de três Cardiais, presidida pelo Camerlengo, percorre minuciosamente todo o recinto a fim de reconhecer que no Conclave não estão senão as pessoas que têm direito de dele fazerem parte.

IV — Encerramento e segredo

A Bula de Gregório XV decretava nula a eleição se não fosse feita em Conclave cerrado (*Cum claves*, fechado à chave). Pio X não manteve explicitamente esta determinação. Mas não é menor por isso a obrigação para os Cardiais de velarem por que o encerramento não seja violado, sob pena de expulsão dos autores da violação sem exclusão das penas que de seu pleno arbítrio lhes infligirá o novo Papa.

Desde o encerramento do Conclave nenhuma pessoa do exterior poderá conversar com uma pessoa do interior senão em voz inteligível e em língua conhecida e na presença dos Prelados a quem a guarda do próprio encerramento está confiada.

Não podem trocar-se quaisquer papéis, impressos ou não, quer do interior sem serem presentes a exame dos Secretários do Conclave e dos Prelados encarregados da vigilância externa. Em caso nenhum poderá ser admitido no Conclave um jornal ou outra pu-

blicação periódica. É prescrito o mais absoluto segredo sobre tudo o que é atinente à eleição, sob pena de excomunhão reservada ao Pontífice; a esse segredo se refere o juramento antes feito; e tal segredo atinge toda e qualquer forma da revelação dele, por palavras, por escrito ou por sinais de qualquer espécie. As refeições e toda e qualquer coisa que passe do exterior para o interior, são rigorosamente vigiadas, por igual.

Reserva rigorosa, total. Encerramento pleno, inofismável. Conta-se um incidente curioso, a quando do Conclave de Pio X, acontecido com o Cardinal francês Caullié, Arcebispo de Lyon. O Purpurado, contou o Cardinal Mattieu (ao tempo ainda o segredo sobre coisas acessórias do escrutínio, propriamente dito, não era de rigor como desde então) estava a rezar no seu aposento o seu Breviário quando um Monsenhor se abeirou dele muito açodado e lhe disse:

— Eminência, na vossa janela há um objecto branco que parece um sinal.

— Asseguro-lhe, Monsenhor, que não há qualquer sinal na minha janela...

Vão ambos Verificar. O Cardinal Caullié estava inocente, mas havia na janela superior, efectivamente, um objecto muito branco. Por cima do Cardinal de Lyon era o aposento de outro Purpurado que transpirava muito: o sinal era uma camisa que enxugava inocentemente ao sol e... não continha sob as suas dobras nenhuma revelação culposa.

Vem aqui referir outro incidente ocorrido durante o último Conclave, que elegeu o defunto Papa Pio XI. Ao tempo, não existindo ainda o Tratado de Latráo, o regime jurídico a que o Vaticano estava sujeito, por parte das autoridades do Estado Italiano, durante o Conclave, era apenas, dentro daquela situação de respeito geral que se sucedeu à rejeição da Lei das Garantias, o decorrente das declarações do Governo do Quirinal de se comprometer a guardar perfeitamente a imunidade do Conclave.

Agora, pelo Tratado de Latráo, está explicitamente encaráda a hipótese de aviões sobrevoarem a Cidade do Vaticano. É esse facto proibido, sob qualquer pretexto e sejam de que nacionalidade forem os aviões e aviadores. Ora aconteceu que durante o Conclave, dois aviões, conduzindo talvez jornalistas, voaram sobre os Palácios Apostólicos.

O facto motivou uma nota diplomática de protesto, concebido nestes termos:

«Estando garantido o Conclave e pelas autoridades italianas, de maneira a impedir que quem quer que seja, não autorizado pelo Marechal do Conclave, se possa aproximar e, menos ainda, entrar nas partes do Vaticano não cerradas, será lícito romper essa clausura sobrevoando a terra, em lugar de andar por ela a pé?»

Os *raids* indiscretos cessaram, e agora que o Vaticano é um Estado soberano, com suas fronteiras aéreas, como as terrestres, delimitadas, o facto não se repetirá.

(Continua no próximo núm.)

I Salão Corporativo de Arte FOTOGRAFICA

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho e a Junta de Acção Social, prorrogaram até 31 de Dezembro próximo o prazo para a recepção dos trabalhos destinados a este Salão.

O regulamento e o boletim de inscrição poderão ser pedidos à Sede da F. N. A. T., na Calçada de Santana, 180, LISBOA.

Em todo o estado e em toda a condição social o homem bem educado é um homem superior. O homem sem educação, por mais alto que o coloque, fica sempre um subalterno.

Ramalho Ortigão

Carlos A. Medeiros Furtado

P. S. — «A Província» associando-se respeitosamente à homenagem prestada, auspiciando as melhores venturas para a sua dedicada assinante, sr.ª Dr.ª D. Madalena Ruas, no desempenho das suas funções naquela risonha vila cisterciense.

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

NOVEMBRO

— Dia 20, o menino Artur António da Costa Cartaxo, filho do nosso dedicado assinante, sr. José Maria Cartaxo. — Dia 22, perfaz 38 anos, o nosso estimado assinante, sr. José Gomes da Costa Lopes Júnior. — Dia 22, o sr. Frederico Rodrigues Futre, nosso prezado assinante. — Dia 24, completa o seu 9.º aniversário, a gentil menina Lidia Maria Pascoal Pereira Martins, sobrinha e afilhada do nosso dedicado assinante, sr. José Augusto dos Santos. — Dia 24, a sr.ª D. Maria Antónia B. Brigido, esposa do nosso estimado assinante, sr. Francisco Lourenço Brigido. — Dia 26, a nossa dedicada assinante sr.ª D. Alda da Veiga Marques Rodrigues. — Dia 26, a sr.ª D. Maria Matilde Morgado Quintino Carvalho, esposa do nosso dedicado colaborador e amigo sr. Elzeário Joaquim Carvalho. — Dia 27, soleniza o seu 9.º aniversário o menino Cristóvão António Rodrigues Ascensão, estimado neto da nossa dedicada assinante, sr.ª D. Alda da Veiga Marques Rodrigues. — Dia 27, completa 23 anos, a sr.ª D. Maria Antónia Pereira, estimada filha do nosso prezado assinante, sr. Miguel Pereira, proprietário da «Antiga Adega Cabaço», da Baixa da Banheira. — Dia 27, atinge o seu 8.º aniversário o menino Victor Manuel Adão Antunes, filho do nosso estimado assinante, sr. Manuel Antunes, residente no Brasil. — Dia 27, o menino Gil Manuel Ladislau, filhinho do nosso estimado assinante, sr. Gil Ladislau. — Dia 27, perfaz quatro anos de idade a gentil menina Ana Bela dos Santos Baeta, filha estremeçada do nosso bom amigo e colaborador, sr. Eduardo dos Santos Baeta. — Dia 27, completa o seu 71.º aniversário o nosso estimado assinante, sr. José Naciso Ferra Júnior. A todos os aniversariantes e suas famílias, endereçamos as nossas felicitações.

Dr. Miguel Bastos

Já há dias que se encontra afastado das suas funções oficiais, o ilustre governador civil do nosso distrito, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos.

Sua Ex.ª tem estado retido no leito, a fim de se submeter a um tratamento especial que, não obstante, o poderá sujeitar a uma intervenção cirúrgica.

Desde já cumprimentamos o dedicado amigo de Montijo e fazemos os melhores votos pelo seu breve restabelecimento.

Câmara Municipal de Montijo

Venda de lixos

Faz-se público que até ao dia 30 de Novembro corrente, pelas 17 horas, se recebem propostas para a venda de lixos e dejectos provenientes da limpeza desta vila em 1958, sendo a base de licitação de 40.000\$00.

Montijo, 11 de Novembro de 1958

O Presidente da Câmara, a) José da Silva Leite

Visado pela Censura

MONTIJO

BOLO DO NATAL

Campanha do «Diário Popular»

Entusiasmado com o resultado do ano passado, pela realização do Bolo do Natal para os pobres de Lisboa, quiz este nosso confrade tornar em colaboração com a «Margarina Chefe» extensivo a todo o país tão feliz, tão benemérita iniciativa e assim, através os seus delegados e correspondentes, propagandeia de Norte a Sul do país, a sua campanha.

Tem ela sido bem acolhida em todas as terras e o Montijo não podia ser uma excepção!

E assim o correspondente local do Diário Popular e nosso redactor, sr. José Estevão da Silva Carvalho, deu já início aos trabalhos para a constituição da Comissão local efectuando pessoalmente os convites, e que por tal motivo ficou assim constituída: Sr. José da Silva Leite, Presidente da Câmara Municipal; Dr. José Maria Gonçalves Guerra, Presidente da Comissão de Assistência; Dr. Eugénio Cardigos, Director da Escola Commercial e Industrial; Sr. Justiniano António Gonvoia, Provedor da Misericórdia; David Sanchez Alvarez, Presidente da Junta de Freguesia, e Emílio Henriques, pelo Comércio.

Dentro em breve, segundo nos informam, realizarão a sua primeira reunião a fim de tomarem as directrizes para a Campanha local.

É de esperar pois, que os pobres de Montijo sejam este ano contemplados na noite de Natal com o seu

bolo, que as mãos carinhosas das senhoras montijenses confeccionarão, correspondendo assim ao apelo simpático do «Diário Popular».

Apelamos assim para que todos as senhoras que recortem o cupão do Diário lisboeta e o entreguem à Comissão local para assim poderem cadastrar todas as ofertas e destinarem-nas aos pobres da nossa terra.

Casa da Criança de Montijo

Realiza-se no sábado, dia 6 de Dezembro próximo, no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida, desta vila, um importante espectáculo de homenagem à valiosa obra de assistência local, que virá a ser a Casa da Criança de Montijo.

Nesse espectáculo que terá início às 21.30, tomará parte o distinto «Orfeão do Sport Lisboa e Benfica», composto de 120 figuras, e hem assim um grupo de categorizados artistas em interessantes números de variedades.

O respectivo programa encontra-se em organização e torna-lo-emos conhecido dos nossos leitores, logo que esteja concluído.

Sociedade Recreativa

Progresso Afonsoeirense

No próximo domingo, dia 23, com início às 21 horas, electua-se nesta Sociedade, a anunciada «soirée», que não se realizou no último domingo, por motivo de doença do seu organizador —, intitulada «Baile de S. Martinho», com a interessante «Dança do Barri», com valiosos prémios para o par que obtiver melhor êxito nesse número de surpresa.

Esta «soirée» será abrihantada pela valiosa Orquestra Típica «Os Vencedores», de Rio Frio.

Sociedade Fil.ª

1.º de Dezembro

Integrado nas comemorações do 104.º aniversário desta colectividade, electua-se na próxima 2.ª feira, 24 do corrente, pelas 21,30 um grandioso espectáculo no Cinema Teatro Joaquim d'Almeida, desta vila, de homenagem a esta prestimosa Sociedade.

Este espectáculo é levado a efeito com a colaboração do categorizado Grupo Artístico Montijense e da Orquestra «Eldorado», sob a direcção artística do nosso amigo sr. Humberto de Sousa, que num atraente FIM DE FESTA, avolumarão o realce desta homenagem.

Entre os números do seu programa, figura um concerto musical pela sua Banda, — 2.ª classificada no Concurso Mundial de Bandas Civis, realizado em Kerkrade, — sob a regência do seu distinto maestro, sr. António Gonçalves, com o seguinte programa: I — Floripes — (Marcha), de Sebastião Ribeiro; II — Guilherme Tell — (abertura da Ópera), de Rossini, e III — Grande Páscua Russa — (abertura sinfónica), de Rimsky Korsakow, números que figuraram no brilhante programa executado na Holanda.

No início das suas comemorações de tão honroso aniversário, felicitamos a centenária «1.º de Dezembro» e auspiciamos-lhe a repetição das mais prósperas venturas.

Orquestra Filarmónica de Lisboa

Em organização prestigiosa da Comissão das Festas de S. Pedro e com uma assistência razoável, — não tanta como seria para desejar —, realizou-se, no Cinema Teatro Joaquim de Almeida, no passado dia 17, um concerto sinfónico pela «Orquestra Filarmónica de Lisboa» composta de 80 figuras, na maioria professores de música, sob a direcção do sr. Prof. Dr. Ivo Cruz, Director do Conservatório Nacional.

Foi um espectáculo de arte a que Montijo tem direito, pelo muito que se tem feito pela música, e assim nunca será demais como elevação cultural das suas gentes que, de quando em vez, eles vão aparecendo, não só na música como nas outras modalidades da cultura geral.

Mas, reportando-nos à exibição da Orquestra Filarmónica, ela veio na altura própria, como sei dizer-se, pois Montijo nunca assistira a espectáculo tão deslumbrante como o da exibição dum agrupamento musical tão elevado em número e qualidade.

As execuções foram primorosas e todas as obras, A'ria, de Bach; 5.ª Sinfonia, de Beethoven; Melodia de Amor, de Ruy Coelho; Sete anos que andei na guerra; e Boina, Boina, de Artur Santos; Os Prelúdios, de Liszt; e «A Formosura desta fresca serra», do talentoso compositor montijense, Jorge Rosado Marques, foram muito aplaudidas e deliciaram os assistentes.

Não possuímos bagagem musical para profundarmos uma crítica à forma mais ou menos correcta das interpretações desses consagrados compositores, mas a nossa sensibilidade nos basta para elevarmos o concerto realizado por esta importante Orquestra, a um alto nível de cultura, ainda valorizada, se isso é possível, com a solista soprano D. Maria Fernanda Mella, que cantou os números dos autores portugueses.

Após a execução de «A Formosura desta fresca serra», o Dr. Ivo Cruz fez partilhar nos aplausos o nosso confratâneo Jorge Manuel que ao subir ao palco foi alvo dum quente ovação.

Antes do Concerto, o nosso colaborador sr. Manuel Lino, saudou a Orquestra Filarmónica, com algumas considerações e fez a apresentação do sr. Alvaro Valente, como sendo o orador que iria fazer a apresentação da Orquestra, do sr. Dr. Ivo Cruz, da cantora D. Maria Fernanda Mella e ainda apresentar os dados biográficos dos autores das obras a apreciar.

No final do concerto, pela Comissão de Senhoras organizadora deste espectáculo, constituída pelas sr.ªs Prof.ª D. Judite Rosado, D. Diamantina de Medeiros Ferreira e D. Maria Lucília Marques Peixinho e Comissão das Festas de S. Pedro, foi ofertado ao maestro sr. Prof. Dr. Ivo Cruz, uma artística salva de prala, hem como um lindo ramo de cravos à sr.ª D. Maria Fernanda Mella e várias lembranças pessoais.

Estão de parabéns pois os organizadores por trazerem até Montijo um espectáculo de cultura tão elevada.

AGRADECIMENTO

António Tavares Boliza

Custódia Maria da Silva, filhos e mais família, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à última morada, seu chorado esposo, pai e parente.

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

AGENDA UTILITARIA

Farmácias de Serviço

- 5.ª feira, 20 — Giraldes
6.ª feira, 21 — Montepio
Sábado, 22 — Moderna
Domingo, 23 — Higiene
2.ª feira, 24 — Diogo
3.ª feira, 25 — Giraldes
4.ª feira, 26 — Montepio

Anúncio

No dia 29 do corrente mês, pelas 10 horas, à porta da Secção de Finanças do concelho de Montijo, proceder-se-á à arrematação de 20 sacos de 100 kg. cada, de adubo «NITROPHOSKA», conforme edital publicado no Diário do Governo III série, n.º 264, de 11 deste mês. Montijo, 13 de Novembro de 1958 O Chefe da Secção de Finanças, a) Francisco Vitória Cabrita

Explicador

— 1.º e 2.º ciclo. Av. João de Deus, 53 — MONTIJO.

Vende-se

TERRENO, para construções, a 15\$00 o m2., na Lançada. Trata na R. Sacadura Cabral, n.º 1 - Montijo.

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo. Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Licenciada em Ciências Económicas e financeiras

— Dá explicações em casa na Av. Luís de Camões, 9 - 3.º - D.º MONTIJO.

Trespasa-se

— ESTABELECIMENTO de Drograria em bom local com boa clientela. Nesta redacção se informa.

Terreno

— Compro para construir prédio 1.º andar, 4 inquilinos, nos arredores Parque de Montijo. Enviar propostas com preços a esta redacção.

AUTOMOBILISMO

«Rali Dedicção e Saudade»

O Clube «100 à Hora», realiza no próximo domingo, 23, o «Rali Dedicção e Saudade», prova num total de 70 quilómetros, entre Lisboa (Campo Grande) e a nossa vila, como manifestação desportiva destinada a automóveis.

A partida dos concorrentes é às 9,1 m. do Campo Grande e a chegada a Montijo, está prevista para as 10 h. 34 m. 20 s. e 10 h. 57 m. 40 s.

Em seguida efectuar-se-á a Prova Complementar, na Avenida D. Afonso Henriques, terminando assim a competição.

Após a prova os concorrentes e acompanhantes reunir-se-ão num almoço de confraternização, evocativo de um quarto de século de existência da referida colectividade.

RARO é o dia em que Zacarias, sempre observador, não tem algo para criticar ou comentar, com aquele espírito ácido que lhe é peculiar.

Quase sempre concordamos com ele, e o Zacarias é, por assim dizer, uma espécie de porta-voz, de arauto dos nossos sentimentos e da nossa maneira de encarar as coisas.

Naquele dia, o nosso amigo começou assim:

— Sabes? Fui ontem ao cinema...

Olhámos para ele, certamente com o ar de quem não vê, nesse simples facto, motivo para espantos e surpresas. Talvez porque o compreendesse, Zacarias sorriu, por entre o fumo do cigarro...

— Bem sei, bem sei... Ir ao cinema não é nada do outro Mundo... Para muitos, até, é mais do que um hábito, é assim uma espécie de rotina, tal como acaba por transformar-se em rotina o facto de irmos todos os dias para o escritório... Aliás, não foi com o espírito de te dar uma grande novidade que te disse que ontem tinha ido ao cinema... De qualquer das maneiras, o cinema é um meio de distração como qualquer outro, com os seus prós e os seus contras, com coisas que nos agradam e coisas que nos ferem a sensibilidade como espinhos acerados...

Zacarias interrompeu-se, esmagou o cigarro no cinzeiro e continuou:

— Não sei se sabes que foi publicado um despacho no sentido dos cinemas portugueses exibirem, periodicamente, filmes nacionais... É uma medida que nos parece acertada, sob determinado ponto de vista, especialmente porque nós temos o dever de apreciar aquilo que é nosso e feito por nós...

Vendo que concordávamos com ele, Zacarias prosseguiu:

— Na realidade, o cinema nacional — se é que ele existe de facto — faz-me lembrar um bebé que ensaia os seus primeiros passos e que, por qualquer deformação física, nunca passa do mesmo... Triste é dizê-lo, mas em matéria de cinematografia, nós estamos atrasados tantos anos quantos ela tem de existência. O que se tem feito não vai além de meras tentativas, que o público já se habituou a acolher com um sorriso francamente complacente... convencido de que já não se pode — ou não se quer — fazer melhor...

Zacarias interrompeu-se de novo, bebeu o café que já arrefecera na chavena, e continuou, de-

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 5

pois de acender um cigarro:

— De qualquer das maneiras, eu não estou aqui para criticar o cinema português, pelo qual, no fundo, nutro o mais profundo respeito, e não me compete a mim, que não passo dum ignorante espectador, fazer a análise dos males de que enferma... Simplesmente, o que eu lamento e devem lamentar todos os portugueses com um bocadinho de bom senso, é que os senhores realizadores se permitam certas coisas, absolutamente fora de qualquer lógica... Como te disse, fui ontem ao cinema e fui ver dois filmes portugueses... Não te digo que filmes — tu decerto já os viste — nem estou aqui para os apreciar... Eram filmes portugueses e está tudo dito...

Zacarias fixou-nos com o seu olhar penetrante e sorriu:

— Num desses filmes, de estilo popular, à velha maneira portuguesa, estavam

integrados três planos musicais — não sei se é assim que se diz, mas tu compreendes: dois concertos — um de piano e outro de violino — e um terceiro... com o fado. Um fado, sim, meu rapaz, que o fado parece cumprir penitência, entrando em todos os filmes portugueses... Pois bem, até aqui, apesar de tudo, nada de censurável. Apenas — e aqui é que bate o ponto — um pormenor que eu notei, talvez porque esteja sempre de pé atrás: os dois concertos, executados por artistas de categoria, foram passados num plano fugaz, apenas para focar o desnível social dos personagens. O fado — aliás um fado bonito — foi passado, quase num único plano, «até ao fim»... Tu dirás, e eu concordo contigo, que seria descabido cortar um fado, decerto escrito especialmente para o filme, satisfazendo-se assim o gosto dos apreciadores da canção nacional.

Mas, num cinema, há espectadores de todas as categorias, de todas as classes... e com os seus gostos especiais.. Pergunto: porque não foram passados os concertos até ao fim, quanto mais não fosse para satisfazer o gosto daqueles espectadores que, para além do fado, preferem a música séria?

Zacarias voltou a interromper-se. Escurecera e, lá fora, o movimento citadino intensificara-se. E o meu amigo continuou:

— É talvez essa uma das razões que colocam o nosso cinema num nível que deixa muito a desejar. Os senhores produtores procuram apenas satisfazer a camada popular, dando-lhes fados e mais fados, mesmo quando eles não se justificam, esquecendo-se de que há aquele público muito especial que, uma vez por outra, gosta de ouvir um pouco de música

séria. Aliás, felizmente, nós temos bons compositores, autênticos mestres na divina arte musical e bons cantores, e não apenas poetas e compositores populares e fadistas. É lamentável, meu rapaz, mas é assim mesmo...

Zacarias interrompeu-se mais uma vez e logo concluiu:

— Não creio que haja nada a fazer. De qualquer das maneiras, o fado e a bola delimitam os horizontes da maior parte da nossa gente. Para que havemos nós de estar a perder tempo com aquilo que já não tem remédio?...

O Núncio Apostólico de Lisboa foi elevado à dignidade de Cardeal

Monsenhor Fernando Cento, Núncio Apostólico em Lisboa, foi elevado à dignidade de Cardeal.

Abstraindo das qualidades de inteligência e virtudes preclaras de Mgr. Fernando Cento, há o privilégio, que vem desde o rei D. João V, de o Núncio Apostólico em Lisboa, ser elevado a Cardeal antes de sair do nosso País.

Esta concessão era tão querida do nosso rei D. João V que, para a defender, atreveu-se a cortar relações diplomáticas com a Santa Sé.

Sobre o assunto, publicaremos brevemente um artigo do nosso prezado colaborador, sr. Prof. José Manuel Landeiro, que nos elucidará sobre este mesmo assunto.

Incêndio na fábrica Mundet

Conforme os jornais diários, já noticiaram largamente, manifestou-se um incêndio pelas 6,30 horas do dia 16, numa das secções da fabricação do aglomerado de isolamento da Fábrica Mundet.

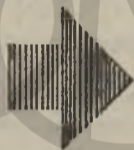
Embora o sinistro tivesse, de início, características bastante ameaçadoras o certo é que, com a rápida intervenção do piquete de bombeiros privativos da fábrica, ele ficou circunscrito a uma só secção.

Dado o alarme compareceram imediatamente os restantes bombeiros e vários operários, bem como o gerente da fábrica em Montijo, sr. Manuel Marques, e vários encarregados e empregados, que efectuaram as diligências necessárias para que o ataque ao incêndio tivesse eficiência; às 10,30 já se encontrava liquidado o sinistro, que atingiu umas centenas de milhares de escudos de prejuízo, que estavam cobertos pelo seguro.

Atribuem-se as causas do sinistro ao facto de se ter incendiado um bloco de aglomerado, que imediatamente se propagou aos restantes, armazenados naquela secção.

Os Bombeiros Voluntários na nossa terra não chegaram a ser necessários, muito embora estivessem de prevenção.

MUITOS



MWM DIESEL

JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSÃO
E EM GRUPOS AUXILIARES EM

MONTIJO

BAGALHOEIOS

CARGUEIROS, ARRASTÔES

REBOCADORES E BARCOS
DE PILOTOS

EMBARCAÇÕES FLUVIAIS
DE PASSAGEIROS

TRAIWEIRAS DE

TODOS OS TIPOS

VEGETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA
DESDE OS NOSSOS ARMAZÉNS

J. WIMMER & CO., LISBOA

TELEFONES 66 01 27/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34

REPRESENTANTES
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
ORÇAMENTOS

LER?!... SIM!

Por SEISDEDOS BRANCO

(Continuação da primeira página)

Tentemos elevar a alma daqueles que amanhã formarão o Império Lusitana.

Não pode ser mais oportuna para a mocidade a hora que passa. A todo o momento deparamos com uma criança lendo qualquer espécie de livro.

Há entre eles tanto erro!... Encontra-se facilmente um inocente querendo viver aquela vida do herói do seu romance, tudo porquê?!... porque a idade e a mentalidade, não estavam preparadas para aquela espécie de narração.

Sabemos e bem que a massa progressiva opinia que todos os livros, desde que

se escrevam se podem ler!...

Lucrarão os leitores com isso? Dum cento, um. Os outros são as vítimas materialistas que não souberam escolher, nem tiveram quem os aconselhasse.

Expíam sem o saber, o delito da negligência de quem de direito. No fundo são vítimas também da falta de desejo de se educar e de saber querer, e muitas vezes inteligências privilegiadas, mas obscurecidas por ideias loucas.

Trabalhemos para que todos possamos dizer como alguém bastante autorizado:

— O livro quando bom, é o nosso melhor amigo.

A Grande Epidemia de 1918

(Continuação da primeira página)

lenço; dentistas trabalhavam de máscara através de duas camadas de gaze; os condutores mascarados, cobravam as passagens a passageiros encapuçados, nenhuma dessas precauções, nem qualquer outra teve efeito sobre o índice da mortalidade.

Um aspecto geral da epidemia, era o perigo especial que representava para as mulheres grávidas.

Estas, de facto, tinham poucas probabilidades de sobreviver ao ataque da doença. Dessa maneira, houve em milhões de lares uma dupla tragédia.

Notícias de Paris descreviam a dificuldade que tinham as autoridades em impedir

que se lançassem ao Sena, das muitas pontes que o atravessam. «Duzentos gendarmes estão licenciados por doença», escreveu «Le Figaro», acrescentando: «Quem irá guardar as pontes». Até os próprios gendarmes neurastenizados se lançavam ao rio. O número de vítimas, segundo uma estatística publicada em 1927, foi de 21.642.283.

Mas em 1918, a medicina não podia fazer mais do que na Idade Média, quando as casas em que havia doentes de peste, eram simplesmente marcadas com uma Cruz Vermelha, e inscreviam as palavras «Deus tenha piedade de nós».

Compilação de Eduardo Santos Baeta

A história do navio que viveu 5 dias

(Continuação da última página)

voltou para o marido e disse: «Vês, ela tem razão... começámos juntos... Ficaremos juntos até ao fim».

Pessoas como o plácido velhote encontrado a ler absorvido, num dos camarotes, irritado somente com o barulho que ouvia lá fora. Pessoas como os músicos do navio que continuaram a tocar muito tempo depois do paquete ter embatido contra o iceberg e a quem teve de se dizer finalmente: «É o fim, rapazes, fizemos o nosso dever. Já podemos morrer!»

Pessoas como a rica e excêntrica americana sr.^a Brown que persuadiu uma passageira tomada de pânico a pôr o colete de salvação com o seguinte argumento: «Experimente. São a última moda. Toda a gente os usa».

Pessoas como o abastado sr. Guggenheim, encontrado, em companhia do seu criado num camarote ambos em traje de soirée (laço branco para o patrão, preto para o criado) e que explicou: «O colete de salvação era incómodo. Pusemos o nosso melhor fato e estamos preparados para ir ao fundo como homens».

Pessoas como os telegrafistas que, mortos de cansaço, continuaram a enviar o novo sinal de perigo S. O. S., muito depois de ter desaparecido a possibilidade de salvar as suas próprias vidas.

O inafundável «Titanic»

No dia 10 de Abril de 1912, o luxuoso paquete «Titanic», que os técnicos da especialidade juravam

ser inafundável, saiu do Porto de Southampton. As 23,40 do dia 14 de abril, quando navegava em pleno Oceano Atlântico, chocou contra um «iceberg», afundando-se em pouco mais de três horas. Consumava-se assim um dos mais trágicos episódios marítimos de todos os tempos.

Entre 2.207 passageiros e tripulantes, 1.500 morreram afogados. Desde os mais ricos milionários americanos que pagaram 870 libras pela passagem aos mais pobres emigrantes irlandeses que tinham pago apenas 8 libras, todos morreram juntos nas águas geladas do Atlântico.

O inafundável «Titanic» repousava no fundo do mar, tendo arastado com ele um pequeno mundo de opulência, de luxo e de esperanças. Este filme é a verdadeira narração dessa tragédia que o tempo não conseguirá jamais apagar da memória dos homens.

A última palavra em lezo

O glorioso «Titanic» era a última palavra em luxo e em conforto quando partiu para a sua primeira e última viagem. Como novidade possuía uma magnífica instalação para banhos turcos.

Enquanto que as acomodações da 3.^a classe eram simples e ao mesmo tempo austeras, os milionários e os titulares que viajavam nos seus apartamentos de 1.^a classe eram servidos com todos os re-

quintes de conforto como se estivessem no mais luxuoso hotel do mundo. Tudo fora esmeradamente mobilado dentro do estilo Eduardiano.

Os mais famosos cozinheiros preparavam as mais diversas iguarias que eram servidas numa sala de jantar ampla, ricamente atapejada e decorada com folhas de palmeira. O «Titanic» era uma pequena cidade flutuante com uma altura aproximada de 11 andares e 270 metros de comprimento.

O princípio do trágico fim

Durante toda a tarde e toda a noite desse trágico 14 de Abril, o «Titanic» recebera diversos avisos anunciadores da proximidade de gelos flutuantes.

Eis que, de repente, sem se saber como, a tensão se estabeleceu a bordo quando alguém gritou: «Iceberg à vista!»...

Os alarmes soaram rapidamente na sala das máquinas, o leme foi dirigido para estibordo.

E de súbito, cintilante, ameaçador, o iceberg surgiu mais perto, ergueu-se acima do navio e tocou num dos lados com fragor.

Depois desapareceu, deixando uma brecha de 100 metros no costado do navio, abaixo da linha de água.

O «Titanic» estava definitivamente condenado. Era o princípio do trágico fim...

AMÁLIA RODRIGUES

(Continuação da última página)

o principal papel feminino na peça do apreciado escritor Romeu Correia, «Céu da Minha Rua», que foi realizada por Fernando Frazão.

Assistimos como não podia deixar de ser à transmissão daquela peça e confessamos sinceramente que gostámos do seu entreccho, como também da bela interpretação de Amália, que foi bem secundada por Varela da Silva, Elvira Velez, Clarisse Belo, Paiva Raposo, Gina Santos, Armando Cortez, Raquel Valdez e Rodolfo Valentino, (mas nada de confusões com

o inesquecível astro romântico da época de 1900...)

Em resumo: Estão de parabéns Romeu Correia, a TV e sobretudo Amália Rodrigues, que delicioso o seu público com uma faceta, que poucos artistas do seu género, serão capazes de conseguir.

Fazemos votos para que a actuação de Amália Rodrigues no «Teatro TV», tenha continuação para assim valorizar com a sua presença aquela rúbrica.

João Calazans

DIVERSAS NOTÍCIAS

DE PORTUGAL

(Continuação da 1.^a página)

— Na cidade de Goa sugere-se a visita do Chefe do Estado, à Índia Portuguesa

— Sob a presidência do Secretário Nacional de Informação, vão reunir-se nos próximos dias 26, 27 e 28 do corrente, na cidade das Caldas da Rainha, os dirigentes dos órgãos locais de Turismo com o fim de proceder a uma larga troca de impressões tendentes à coordenação do Turismo Nacional.

— Em sessão presidida pelo

Subsecretário de Estado da Educação Nacional foi inaugurada na pretérita quinta-feira, 13 do corrente, o novo ano lectivo do Instituto Nacional de Educação Física.

Do Estrangeiro

— Foi atribuído ao padre dominicano belga, Pedro Georges Pire, o Prémio Nobel da Paz, em virtude dos seus esforços em favor dos sem lar, vítimas da guerra, devendo-se-lhe a fundação da obra «Auxílio a pessoas deslocadas».

Com o valor do prémio pensa construir uma colónia de refugiados, na Noruega.

Notícias da

Rádio Televisão

(Continuação da página 8)

Aurélio de Campos disse que o jovem enfermo havia respondido «absolutamente certo» o entusiasmo dos telespectadores foi indiscutível.

E o jovem Marcelo, demonstrando enorme contentamento, recebeu um milhão de cruzeiros!

50 Países dispõem de TV.

WASHINGTON — Segundo anuncia o Anuário da Televisão recentemente publicado, somam cinquenta os países que actualmente dispõem de Televisão — mais sete do que nos princípios de 1957.

O total de emissores de TV é actualmente de 1.987, servindo 68 milhões de aparelhos receptores.

O livro de contos de Shirley

NOVA IORQUE — Shirley Temple, a ex-menina prodígio do cinema americano e que hoje é a Sr.^a Black, simpática mamã de 29 anos de idade, acaba de conceder uma recepção à Imprensa para anunciar o seu regresso aos «écrans» — mas, desta vez, aos «écrans» da Televisão.

Com efeito, Shirley, ainda hoje recordada em todo o mundo por milhares de admiradores, aparecerá, em breve, como narradora de uma série de filmes na TV americana, intitulados «O livro de contos de Shirley».

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 11

Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»

Domingo, 30-11-58

| 2. ^a Divisão (Zona Norte) | | 2. ^a Divisão (Zona Sul) | |
|--------------------------------------|-------------------|------------------------------------|------------------|
| Tirsense | Peniche | Sacavenense | Almada |
| Chaves | Marinhense | Arroios | Beja |
| Oliveirense | Portalegre | Farense | Montijo |
| Boavista | Salgueiros | Oriental | Estoril |
| Gil Vicente | Sanjoanense | Coruchense | Olhanense |
| Vianense | Vila Real | Serpa | Portimonen. |
| Éspinho | Leixões | Juventude | Atlético |

Campeonato Nacional de 1.^a Divisão

Caldas..... Cuf.....

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 11

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 30

SANFER, L.ª DA

SEDE

ARMAZÉNS

11500, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Grande Concurso de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste sensacional Concurso, que tanto sucesso está obtendo na época actual

1.º Prémio semanal a conceder na 1.ª fase:

Esclarecem-se todos os concorrentes deste Concurso que, a partir da pretérita semana, o primeiro prémio passou a ser de Escudos 500\$00, o qual já foi aplicável para os resultados do cupão n.º 9, nos jogos efectuados em 16 do corrente mês.

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 9, de 16-11-58 — Cupões entrados: 171

VENCEDORES: — *Dimas da Silva*, Alto de S. Sebastião, Moita do Ribatejo (2.º cupões); *Alfredo José Dias de Carvalho*, R. Central n.º 19; *Joaquim M. Mendonça Cassola*, R. Joaquim d'Almeida, 102; *Joaquim Pereira Dias*, R. Serpa Pinto, 147 - 1.º Esq.º; *Joaquim Correia Guerreiro*, Alto das Vinhas Grandes; *José António Paixão Florindo*, Pastelaria Ribatejana; *António José Bastos Sargento*, Pátio do Gaspar, todos de Montijo, e *Edmundo Gomes Guilherme*, R. das Fontainhas, 114 - 1.º, de Setúbal; que acertaram em dez resultados, a quem compete a divisão do 2.º prémio, de Esc. 100\$00, a receber nesta redacção por compras, em estabelecimento à sua escolha.

Deserminação das classificações por concorrentes: 9 com 10 resultados certos; 27 com 9; 56 com 8; 58 com 7; 15 com 6; e 6 com 5.
TOTAL 171 cupões

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Tendo sido empatado o resultado do desafio entre Montijo e Coruchense, não se fizeram contagens de pontos aos concorrentes pelos seus vaticínios.

PAPEL DE IMPRESSÃO

«ESTRANGEIRO» para Jornal

Chamamos a V/ atenção não só para o preço, como também para a brancura e boa qualidade deste papel para impressão de jornais.

ENTREGA IMEDIATA

SUBSTÂNCIA: 52 GRS. m/2

Formatos e preços por resma

| | |
|-----------|--------|
| 43 X 61 | 41500 |
| 48 X 67 | 47500 |
| 51 X 70 | 53570 |
| 53,5 X 77 | 64530 |
| 58 X 86 | 80500 |
| 61 X 86 | 82500 |
| 67 X 90 | 94500 |
| 70 X 102 | 111540 |

Agradecemos sempre as vossas prezadas consultas, no caso de estarem interessados, para benefício do vosso próprio interesse.

Descontos especiais conforme as quantidades

DIAS & SILVA, L. DA

RUA DO CRUCIFIXO, 76-2.º

LISBOA-PORTUGAL

TELEFONES: 33823 - 23605

Telegramas ORDEP

A qualidade do papel é igual ao que está a ser utilizado pelo Jornal "A Província"

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Coruchense, 2 - Montijo, 2

(Do nosso enviado especial Elisiário Joaquim Carvalho)

Jogo em Coruche.
Arbitro — Viriato Maximiano, de Lisboa.

As equipas formaram, do seguinte modo:

CORUCHENSE — José Maria; Bailão, Prates e Luís António; Alfredo e Nunes; Foguete, Manuel Jorge, Corona, Izabelinha e Tadeia.

MONTIJO — Redol; Mora, Pinto e Santana; Veredas e André; Barriga, Serralha, Rodrigues, José Paulo e Romeu.

Golo do primeiro tempo, por Rodrigues, aos 34 minutos.

No segundo tempo, aos 7 minutos, José Paulo fez o segundo golo para a sua equipa.

Aos 12 minutos, Foguete — do Coruchense —, fez o primeiro golo para a sua equipa, e aos 22 minutos, de novo o mesmo jogador estabeleceu a igualdade.

O jogo iniciou-se com as equipas a jogarem com nervos e a conseguirem praticar bom futebol, vendo-se o Coruchense, a apontar por mais vezes a baliza à guarda de Redol, mas a defesa montijense muito atenta, conseguiu desmanchar a avalanche inicial dos donos do campo.

Assim se manteve estas características de jogo, durante os primeiros quinze minutos.

Passado este período, os montijenses assentaram o seu jogo e então começaram a desenvolver os seus ataques sucessivos, com jogadas bem delineadas; jogo de bom recorte técnico, com bastante relevo para Romeu, que nos deu a sua «palavra» de que bastante temos falado: bom «drible», mas também muito útil, desembaraçando-se dos seus adversários com facilidade e colocando o esférico sempre em boas condições, o que aliás sempre foi bem secundado

pelos seus companheiros da linha dianteira.

Os avançados montijenses demonstraram no Campo de Coruche, aos seus numerosos adeptos, que ali se deslocaram, como se pratica futebol de equipa.

Jogo aberto e rápido, que bem mostra alguma coisa aprendida com o seu treinador.

Pena foi que a falta de energia de Barriga, que se prolongou durante todo o encontro, não pudesse contribuir para melhorar na exibição de que vinham fazendo alarde.

E nesta toada de ataque, a defesa do Coruchense viu-se, por vezes, confundida na sua grande área, não admirando que aos 34 minutos, Rodrigues obtivesse o primeiro golo para o Montijo, o que há muito tempo o merecia. E assim, com 1-0 no marcador, terminava a primeira parte do jogo.

Iniciado o 2.º Tempo a equipa do Montijo, lançou-se abertamente ao ataque, para ver se conseguia aumentar a vantagem, para poder disfarçar de maior descanso, que a pudesse pôr a coberto de qualquer contratempo que surgisse, facilitando a vitória, que já lhe sorria.

Apesar que naquele campo, como se costuma dizer — «nunca tinham morto o carneiro» —, e então, numa excelente jogada de Serralha e José Paulo, este escapou-se ao defesa do Coruchense e só, em frente de José Maria, esperou que este se esboçasse à defesa, e marcou a contar.

Estava feito o segundo golo dos Montijenses. Foi de completo regozijo para os seus jogadores e adeptos presentes, pois a vitória começava a tomar o caminho, que já se ia esperando.

Mas o Coruchense não tinha tido a sua última palavra, sentindo a derrota no seu campo, onde ainda não ganhara jogo algum neste campeonato e a sua equipa lançou-se em massa na ideia de conseguir o volte-face. Se melhor o pensou, melhor o ia conseguindo, mas mesmo assim o empate já o compenhou do seu esforço.

Não julguem os nossos leitores que o Montijo fraquejou, antes pelo contrário, os nossos jogadores vendo o perigo cerraram fileiras e a sua defesa teve trabalho árduo e acertado, mas mesmo assim não descurou o ataque.

Tiveram mesmo momentos de euforia, que bem poderiam concretizar-se em golos, mas umas vezes por falta de atenção ou do dia não ser feliz para Barriga.

Os desejados efeitos não apareceram, e outras vezes, perdiam-se na grande área, embrulhados nos defesas do Coruchense, que diga-se de passagem, jogavam ríspidos e em despachos longos para a grande área do Montijo, para criar aí o pânico, visto que o seu campo também os auxiliava, devido às suas pequenas dimensões.

Como reparo, não podemos deixar de nos referirmos como a Federação Portuguesa de Futebol consente ainda campos desta natureza, nos jogos da 2.ª Divisão Nacional.

Bom futebol no Coruchense, não se viu. A sua equipa vive à base de Manuel Jorge, o seu jogador organizador. De resto, só em jogo viril em demasia, por vezes até de dureza excessiva, mas o sr. Viriato, — juiz da partida — tudo lhe foi consentindo, não admirando a quem ao jogo assistia, que conseguissem a igualdade aos 22 minutos do segundo tempo.

Conclusão: O jogo teve dois tempos distintos.

No primeiro tempo, — conforme já demonstramos — o Montijo foi superior, mas dentro da bitola do bom futebol, como equipa com cérebro, que sabia executar e que manobrou com aquela facilidade de saber o que queria e para onde ia.

No segundo tempo, foi a equipa do Coruchense que se lançou em busca da recuperação, valendo-se de todos os meios ao seu alcance, — mesmo alguns já à margem

das leis, mas que foi sempre bem secundada pelo trio da arbitragem.

Bem quereria referir-me noutros termos à arbitragem, mas agora só tenho a analisar o seu trabalho muito concretamente, dizendo que a sua direcção no primeiro tempo e até aos 15 minutos da segunda parte, foi impecável sem nenhuma sombra de mácula; mas depois, deixou-se influenciar pelo jogo do Coruchense, colocando na escuridão o seu bom trabalho anterior.

Julgo que sua esposa, como primeira crítica do seu trabalho, como a ele assistiu, deve certamente não andar longe desta minha apreciação.

Pena foi este facto, porque a sua arbitragem vinha a ter o cunho de grande categoria.

Foi julgador de fora de jogo do extremo montijense Romeu, que de facto não era e ainda, não marcou uma grande penalidade contra o Coruchense, que bem poderia dar a vitória aos Montijenses.

Em nossa opinião e de muita gente, não foi o guarda-redes que despachou a bola com as mãos, mas sim o defesa do Coruchense que encostado ao seu guarda, o substituiu. E o sr. arbitro decerto viu, como todas as pessoas. Porque não marcou? A si, cabe a resposta!

Agora montijenses amigos do nosso Clube, cabe-vos o dever de não deseparar a vossa equipa, porque ela tem valor. É preciso que se compenbrem que ela é, de facto, a equipa de todos nós.

O treinador sr. Severiano Correia, depois de limar as últimas arestas que faltam, proporcionar-nos há a equipa que todos desejamos.

Por agora, podemos já orgulhar-nos porque ela começou a tomar o caminho desejado.

No próximo domingo, receberemos o Oriental. É preciso, portanto, que se faça ouvir o vosso apoio. Neste momento, muito precioso, é necessário contribuir para o prestígio de Montijo.

BASQUETEBOL

Ficou adiado o jogo MONTIJO-ALMADA

Em virtude de ainda não se terem completado as obras do novo rectângulo para o basquetebol, em construção no Campo «Luís de Almeida Fidalgo», o jogo que se devia ter efectuado no passado domingo, entre as turmas do Montijo e Almada, ficou adiado para data a anunciar.

No próximo domingo o Montijo desloca-se ao Seixal, onde vai defrontar a equipa representativa do Seixal F. Clube.

José Rosa

TAUROMAQUIA

O novo matador de toiros José Trincheira foi homenageado

Por iniciativa do semanário «FESTA» e, por assim dizer, em nome da própria aficção portuguesa, foi prestada justa e oportuna homenagem ao novo matador de Toiros José Trincheira, que ainda bem recentemente tomou a sua alternativa com todo o brilhantismo na praça espanhola de Cáceres, sendo já considerado uma das maiores figuras do Toureiro actual. A homenagem a José Trincheira efectuou-se durante um jantar de confraternização que se realizou bem a propósito, na 2.ª feira, 17 de Novembro, às 21 horas, no Salão Nobre da Casa do Alentejo — já que o moço Toureiro é oriundo de Vila Vicosa.

do Minho ao Guadiana

BAIXA DA BANHEIRA

— *A electrificação da Rua 11 e outras artérias do Castelo* — Embora hajam já decorridos alguns meses acaba de chegar ao nosso conhecimento, que uma comissão composta entre outras pessoas, por senhorios e inquilinos, residentes nas artérias acima referidas, depois de devidamente autorizados pela Edilidade Moitense, tomou a iniciativa de mandar electrificar não só a parte que diz respeito ao meio particular, como ainda à iluminação da via pública. Foram informados que os trabalhos desta obra, foram executados por meio

Alcochete

Novo Médico

Foi agora contratado para exercer as funções de médico privativo da Misericórdia de Alcochete, o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Saraiva Diniz da Fonseca, há pouco formado pela Universidade de Coimbra com alta classificação.

O ilustre clínico que é dotado de especiais qualidades de carácter; possuidor de boa formação moral e espiritual e grande inteligência, encontra-se já a exercer clínica «medicina geral», nesta vila, na Avenida 5 de Outubro, realizando também consultas no Hospital da Misericórdia, às terças, quartas e quintas feiras, das 9,30 às 10,30 horas.

Ao iniciar a sua carreira auguramos ao novo clínico as maiores prosperidades e venturas no exercício da sua nobre profissão e estamos certos de que, com a sua colocação em Alcochete, muito virá a beneficiar a população desta vila. — (C.)

de empreitada, por um especializado da Moita, e cujas despesas arcaram aproximadamente na importância de 40.000\$00.

Cumpre-nos felicitar o nosso particular amigo, sr. Francisco de Matos, e outros, como incansável e principal organizador de todos estes empreendimentos, pois que só assim... conseguiram ver tornada numa realidade, — mesmo ainda deficiente que seja —, tão importante melhoramento.

De lamentar porém, é que a respectiva entidade administrativa, não tivesse contribuído já se quer, com um pequeno subsídio!... Entretanto, por nossa parte não deixaremos de dizer: «Que morra o homem, mas que fique a fama!»

— *Falta de sinalização* — A fatalista passagem de nível a nascente, continua sem a devida sinalização! Motivo porque nos cumpre o dever de perguntar:

O que espera a Administração Geral da C. P., para que não tenha já tomado as providências necessárias? Estará aguardando que surjam novos desastres mortais, como nos ia acontecendo no passado domingo, 9 do corrente, cerca das 19,45 horas, em que acompanha los de pessoas amigas, por um triz não fomos vítimas?!

Outro tanto sucede também com a Junta Autónoma das Estradas, que parece estar esquecida de mandar colocar as competentes placas de sinalização dos Postos Escolares, que funcionam aqui junto da Estrada Nacional, há já alguns anos!

Pois voltamos a solicitar urgentes providências!

— *Comparticipação para a obra da futura Igreja* — Segundo acaba de chegar

ao nosso conhecimento, foi ultimamente concedida pelo Estado, a importante participação de 250 contos, para ajuda da construção da futura igreja da Baixa da Banheira, e cujo início dos trabalhos desta importante obra, parece que estão previstos para os primeiros dias do próximo ano.

Fazemos votos para que tudo decorra na melhor ordem, a bem do culto banheirense.

— *Rancho Folclórico Alegria de Arraiolos* — Em 19 de Outubro findo, no Café Restaurante «Estrela do Cabeço», tivemos o prazer de assistir a mais um sensacional programa de TV, aonde este agrupamento folclórico se exibiu, dançando os seguintes números: «*Anda cá ô José*», «*O desconfiado*», «*Foram dizer ao meu pai*», «*Achotissa*», «*A romaria a N.ª S.ª das Necessidades*», «*5.ª feira de Ascensão, n.ª tradicional*», «*Joguei à laranja*», «*O sapatinho*», e fechando com chave de ouro, «*O puladinho de Arraiolos*».

E a fechar esta notícia, ao simpático agrupamento folclórico «Alegria de Arraiolos», daqui bem longe, muito sinceramente saúdo e felicita pela sua feliz actualização, desejando-lhes ainda futuros êxitos e muitas venturas, o correspondente local de «A Província», natural da vizinha e ridente vila alentejana, que é Pavia!

Antes que nos esqueçamos, saudamos também os dois mascotes e futuros dançarinos, que tivemos ocasião de apreciar, dirigimos os nossos muito sinceros parabéns.

— *De visita* — No passado dia 26 de Outubro, vindo visitar sua ex.^{ma} família, tivemos o prazer de cum-

ECOS DE SETUBAL

(Por Rui Oliveira)

A fim de se avistarem com os dirigentes dos Clubes Desportivos de Sesimbra, estiveram no domingo, dia 2, naquela vila, os dirigentes do Grupo Desportivo «Os Ibéricos», desta cidade.

Ficou resolvido disputar as seguintes partidas, integradas no 1.º aniversário da fundação deste Grupo: *Voleibol*: — Dia 23 do corrente, em Setúbal, para a disputa duma taça entre as equipas dos «Ibéricos» e do Centro Extra-Escolar n.º 1 da Mocidade Portuguesa, de Sesimbra; Dia 8 de Dezembro, em Setúbal: — Futebol, Voleibol e Ténis de Mesa, entre as equipas dos «Ibéricos», e do «Sesimbra Atlético Clube», para disputa de três taças.

Durante a tarde os dirigentes dos «Ibéricos» visitaram a sede das Conferências de S. Vicente de Paulo, de Sesimbra, onde actualmente se denota enorme entusiasmo e desenvolvimento, pois os actuais dirigentes, se propõem promover algumas actividades desportivas e culturais, fazendo parte destas últimas

primenar e abraçar, nesta localidade, o nosso simpático amigo, sr. António Simão Custeta, proprietário e agricultor em fazendas do Pontal — Pêgões, e irmão do nosso querido amigo e dedicado assinante, também de Pêgões — Cruzamento, sr. Simão Custeta Nunes. — Os nossos sinceros votos, para que tenha feito boa viagem de feliz regresso. — (C.)

duas festas Vicentinas no Salão da Vila Amália, nos dias 7 e 8 de Dezembro, em comemoração do 4.º aniversário da fundação deste organismo de protecção aos pobres.

Foi reorganizado o Grupo N.º 136, do Corpo Nacional de Escutas de Setúbal, o qual se encontra já a funcionar na sede da Junta local deste organismo (Ordem Terceira de S. Francisco), pelo que está aberta a inscrição a todos que o desejem frequentar.

A Junta local do Corpo Nacional de Escutas realizou no dia 6 do corrente, as festas do dia do Beato Nuno Álvares Pereira (Dia do Escuta).

Atingido pelo limite de idade cessou no passado dia 10, as suas funções o sr. Mário Máximo Saquete, oficial de diligências no Tribunal do Trabalho de Setúbal, tendo também, nessa data, ocorrido o seu aniversário natalício.

O Grupo Desportivo «Os Ibéricos» de Setúbal, promove no próximo dia 30 do corrente, uma excursão a Lisboa por ocasião do jogo Benfica - Vitória, em auto-carro directo ao campo, para a qual se aceitam desde já inscrições.

Comemora no próximo dia 24 do corrente o 2.º aniversário da sua fundação, o Ginásio Clube de Santa Maria de Setúbal, estando em elaboração um programa desportivo com jogos de futebol, voleibol e ténis de mesa, para atribuição de troféus.

O Grupo Desportivo «Os Ibéricos», de Setúbal, promove nos dias 12 e 13 de Abril de 1959, uma peregrinação ao Santuário de Fátima, ao preço de 130\$00, — ida e volta —, para a qual se aceitam desde já inscrições, em pagamentos suaves.

A estranha aventura de William Cooper

Conto por Maria Albertina Baeta

— ... Sim, pode ir. Eu demoro-me por aqui até que o seu colega regresso do almoço — disse o velho antiquário Cooper a um dos seus empregados que lhe pedia licença para sair.

Ficando sozinho, instalou-se comodamente num maple, limpou tranquilamente as lentes dos óculos, desdobrou um jornal — e embrenhou-se na leitura das últimas notícias.

A casa de antiguidades de William Cooper, em Nova Iorque, situada nas proximidades da Quinta Avenida, com as suas luxuosas instalações, gozava da justificada fama de ter a mais exigente e categorizada clientela.

Ali encontravam sempre os coleccionadores de toda a espécie de antigalhas preciosas e raras: bronzes, quadros, esculturas, caixas de rapé, etc.

Verdadeiras obras de arte que o velho antiquário desencantava com singular habilidade e que provinham, muitas vezes, das mais altas e extraordinárias origens.

Cooper não era um simples comerciante, mas também uma pessoa de bom gosto, um artista apaixonado por tudo que tivesse beleza e arte.

Constituiu para ele um prazer incomparável reunir na sua loja, em grandes armários envidraçados e expostos com elegância, todos esses objectos dignos de figurar em museus.

Naquele dia sentia-se verdadeiramente orgulhoso por exhibir a sua úl-

tima aquisição: uma pequena escultura em ouro, de autor desconhecido, assente sobre uma placa de onix, simbolizava o silêncio.

Era uma figura de mulher magestosa, de feições correctas e graciosíssimas, unicamente coberta com um véu; de braços cruzados sobre o peito e lábios fortemente unidos.

* * *

Toda a manha Cooper não se cansara de mirar e remirar a preciosa escultura de tão maravilhoso cinzel e tão grande valor artístico. Pensava que devia ser antiquíssima; mas a sua origem era-lhe completamente desconhecida.

Descobri-la por acaso, enegrecida, coberta de poeira, quando rebuscava o espólio, que ia ser vendido em leilão, de um sábio que dedicara toda a sua vida ao estudo das antigas civilizações.

Depois de a adquirir e restaurar, expozera-a à admiração dos seus clientes em um belo nicho forrado de mármore negro, onde, com uma luz frouxa e sábiamente exposta, parecia viver uma vida de sonho que mais lhe realçava a beleza esquisita e misteriosa.

Fôra um sucesso. O milionário Smith depois de a admirar longamente através do seu monóculo, fizera propostas vantajosas de compra; o mesmo sucedendo com o riquíssimo banqueiro Johnson, um aristocrata estrangeiro e vários outros clientes de alta categoria.

Mas o velho Cooper não se mostrava apressado em vender a preciosa estatueta.

No seu íntimo acariciava a ideia de a oferecer a sua filha, a loira Margaret, como presente de noivado, visto estar próximo o seu matrimónio com o jovem engenheiro Gilbert, filho de um seu amigo, possuidor de importantes fábricas de aviões.

(Continua no próximo número)

ARTE E ARTISTAS

Página coordenada por João Calazans

Página «ARTE E ARTISTAS»

APONTAMENTO

Após algum tempo de suspensão, por motivos alheios à nossa vontade, volta hoje a público a nossa página de «ARTE E ARTISTAS», que passará transitória-mente a ser inserida mensalmente, agora sob nova direcção.

Como é nosso apanágio, daremos o devido relevo a todos os acontecimentos importantes, relacionados com esta página.

Para cumprirmos a nossa missão, contamos desde já com a pronta colaboração de todas as empresas distribuidoras e de casas de espectáculos, Administração da R. T. P., postos emissores de rádio, etc., a quem endereçamos os nossos antecipados agradecimentos por todas as facilidades que nos forem concedidas.

A todos muito obrigado.

«A Província»

Amália Rodrigues

foi a principal intérprete da peça

«CÉU DA MINHA RUA»

apresentada na Rádio Televisão Portuguesa

A primeira apresentação na RTV. da famosa vedeta da Canção Nacional, Amália Rodrigues, constituiu um verdadeiro êxito.

Por essa razão, impunha-se que Amália Rodrigues continuasse a dar a sua valiosa colaboração naquela importante organização, de modo a satisfazer o desejo de muitíssimos admiradores daquela vedeta.

Assim no passado dia 4 do corrente, Amália foi à RTV, mas desta vez não nos deliciou com a sua magnífica voz, que tanta popularidade conquistou não só no nosso país, como também além-

-fronteiras, donde estão sempre a solicitar-lhe a sua presença.

Amália, como quase todos os nossos leitores sabem, de quando em quando, faz cinema e teatro, e se não erramos (?), já passaram dois anos sobre a sua última actuação no Teatro Monumental, na peça do ilustre académico, Dr. Júlio Dantas, «A Severa», da qual aquela artista foi a principal personagem.

O êxito então alcançado foi de tal categoria, que a Rádio Televisão Portuguesa, confiou agora àquela vedeta

(Continua na página 5)

A história do navio que viveu 5 dias

É verdade. O navio que todos consideravam inafundável e que era como que o símbolo do triunfo do homem sobre a natureza, apenas viveu 5 dias.

Esta é a descrição das efémeras horas de vida das 2.207 pessoas que levava a bordo — a sua coragem e a sua cobardia, a sua resistência e o seu pânico, a sua esperança e o seu desespero, a sua lealdade e o seu ódio, as suas preces e as suas maldições.

O desastre do «Titanic» faz parte da história e o filme descreve-nos aquela época fulgurante, fielmente, cuidadosamente, com todos os factos, os personagens, os detalhes, os mais pequenos pormenores.

Assistimos ao lançamento à água do sumptuoso navio, cintilante, repleto de passageiros, ricos e pobres, repleto de esperanças, com mil luzes a brilhar da vigias, deslizando plácidamente atra-

vés da calma noite estrelada em direcção ao Novo Mundo, na sua viagem inaugural.

Depois são as imagens do



KENNETH MORE

O principal intérprete do filme «A Tragédia do TITANIC», afundado em 14 de Abril de 1912, em pleno Oceano Atlântico.

(Estreado no Cinema S. Jorge, de Lisboa, no dia 31 de Outubro passado).

desastre, brutal e quase inexplicável. Mas o filme é sobretudo a história daqueles que como o segundo oficial Lightoller, lutaram, suaram, deram tudo por tudo para convencer os passageiros do perigo que corriam.

Pessoas como a idosa milionária sr.^a Straus que ofereceu o seu lugar no salva-vidas, agarrada ao braço do marido, e disse: «Acompanhei sempre o meu marido. Vivemos sempre juntos tanto tempo... Porque havia de o deixar agora?» Pessoas como a jovem recém-casada que ouvindo a sr.^a Straus, se

(Continua na página 5)

O Dr. Domingos de Mascarenhas, concedeu uma entrevista para o jornal

«A Província»

Na próxima página de «ARTE E ARTISTAS», de «A PROVINCIA» inserirá uma entrevista que nos foi gentilmente concedida pelo Dr. Domingos Mascarenhas, conhecido crítico cinematográfico e Director da Rádio Televisão Portuguesa, e através da qual foram abordados inúmeros assuntos de palpante interesse, referentes à Televisão em Portugal.

Notícias da RÁDIO TELEVISÃO

A resposta valeu um milhão!

SÃO PAULO — Respondendo às perguntas de um famoso concurso da Radiotelevisão Tupi, o brasileiro Marcelo Pereira da Silva, ganhou um milhão de cruzeiros. Paralelo, Marcelo apareceu no estúdio na sua cadeira de rodas, disposto a ganhar o milhão que entregaria à Casa do Paralelo de São Paulo.

«O meu estado de saúde e os meus nervos justificariam a desistência — disse o concorrente —

mas há uma razão que me impele a continuar: a obra da Casa do Paralelo!»

— Quer dizer, então, que pretende responder à última pergunta? Inquiriu o animador do programa.

Muito calmo, o concorrente disse que sim.

Momento de grande expectativa entre os milhares de telespectadores brasileiros que assistiam à emissão.

Pouco depois, quando o locutor

(Continua na página 5)

NOTÍCIAS DE CINEMA

GIGI

Uma produção em Cinemascópio da Metro-Goldwin-Mayer, a estrear brevemente nos Cinemas São Luís e Alvalade, de Lisboa.

O filme musical que em Agosto passado tinha provocado em Nova Iorque o maior êxito, e que desde a sua estreia em 15 de Maio, já tinha sido visto por 100.000 pessoas, apenas em 75 dias de exibição no Teatro Royale. Desde a sua estreia até aquela data não tinha havido nenhum lugar vago e as marcações feitas iam em Agosto, para além dos próximos seis meses!!! Conclusão: «GIGI E' MELHOR QUE LILI!»

Principais intérpretes: Leslie Caron e Maurice Chevalier.

A CHAVE



Ela amava-o... mas vivia no doloroso receio de ter de se lançar nos braços doutro.

Com os seguintes personagens:

William Holden,
Sophia Loren

Trevor Howard

Uma realização de

Carol Reed

e produção da

«Columbia Films»

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - telef. 775027